

COMUNICAÇÕES

Scutellonema bradys em Cará-Doce (*Dioscorea trifida* L.)

Ana Cristina Fermino Soares¹, Marlon da Silva Garrido², João Luiz Coimbra³, Nailson Santos de Almeida⁴

¹Professora Titular do Dept. Fitotecnia, Escola de Agronomia da UFBA (AGRUFBA), Cruz das Almas, Bahia, 44380-000 <acsoares@ufba.br>;

²Bolsista Capes, Pós-Graduando em Ciências Agrárias, AGRUFBA <msgarrido@bol.com.br>; ³Bolsista CNPq-Recém Doutor, Depto. Fitotecnia, AGRUFBA <joaoluizcoimbra@hotmail.com.br>; ⁴Bolsista PIBIC /FAPESB, AGRUFBA.

Data de chegada: 15/09/2004. Aceito para publicação em: 29/04/2005.

1116

A família Dioscoreaceae é constituída de nove gêneros e 600 a 900 espécies, sendo 25 espécies de *Dioscorea* L. descritas como comestíveis, 15 espécies com uso medicinal e 5 como ornamentais (5). A espécie *Dioscorea trifida*, conhecida popularmente como cará-doce, possui seu centro de origem no Norte da América do Sul, sendo cultivada em varias regiões do nordeste brasileiro. A planta produz um grupo de pequenas túberas com 15-20 cm de comprimento, pesando 80-150g, com massa feculenta branca, amarela, rosa ou púrpura (6). Dentre as nematoses, a casca preta causada pelo nematóide *Scutellonema bradys* (Steiner & Le Hew) Andrassey é a principal doença que ataca as espécies do gênero *Dioscorea*. Este patógeno se aloja na periferia das túberas não se aprofundando mais que 5cm (4). Dentre as espécies do gênero *Dioscorea* utilizadas para a alimentação, apenas o cará São Tome (*Dioscorea alata* L.) é citado como imune à casca preta (3). No presente trabalho, fez-se a descrição do sintoma de casca preta e a identificação do fitonematóide associado a esse sintoma em túberas de cará-doce (*D. trifida* L.).

Túberas de *D. trifida* foram coletadas no município de Maragogipe – Bahia. As túberas foram lavadas com água corrente e cortadas no sentido vertical para a aferição da espessura das lesões na polpa, a largura e a profundidade das rachaduras na epiderme das túberas, com o auxílio de um paquímetro. Posteriormente, foram retiradas as cascas das túberas, estas foram pesadas em balança digital de três dígitos e foi feita a extração dos nematóides, utilizando-se a técnica do liquidificador aliada à centrifugação em solução de sacarose mais caolim (2). Para a quantificação dos nematóides infectando as túberas, colocou-se a suspensão de nematóides numa Lâmina de Peters e fez-se a contagem destes com o auxílio de um microscópio óptico. Para a identificação do fitonematóide, foram montadas lâminas semipermanentes, usando-se como líquido de montagem a formalina a 3% e vedação com permount.

As túberas avaliadas apresentavam-se infectadas apenas pelo nematóide *S. bradys* (Figura 2). Foi observado um número elevado desse fitonematóide, 2930 (± 680) por 10 g de túbera (casca + camada superficial da polpa). Os sintomas externos nas túberas são muito semelhantes aos verificados em túberas de inhame da costa (*Dioscorea cayennensis* L.), atacados por *Pratylenchus coffeae* (Zimmermann) Filipjev & Schuurmans Stekhoven, que apresentam rachaduras profundas na epiderme e elevada perda de água das túberas, causando murcha das mesmas (1). As rachaduras nas túberas de cará-doce (Figura 1C) apresentam profundidade de 0,82 mm ($\pm 0,39$) e largura de 3,51 mm ($\pm 1,28$). As

necroses na polpa (Figura 1A e D) apresentam profundidade de 1,53mm ($\pm 0,48$), deixando as túberas com aspecto inadequado para a comercialização (Figura 1). A planta não apresenta sintomas típicos de nematose na parte aérea. Esse é o primeiro relato de *Scutellonema bradys* parasitando túberas de *Dioscorea trifida* L. no Brasil.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia- FAPESB, pelo auxílio financeiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Acosta, N.; Ayala, A. Pathogenicity of *Pratylenchus coffeae*, *Scutellonema bradys*, *Meloidogyne incognita* and *Rotylenchulus reniformis* on *Dioscorea rotundata*. **Journal of Nematology**, Jay, v.7, n.1, p. 1-5, 1975.
2. Coolen, W.A.; D'Herde, C.J. **A method for the quantitative extraction of nematodes from plant tissue**. Ghent: State Agricultural Research Center, 1977. 77p.
3. Moura, R. M.; Pedrosa, E.M.R.; Guimaraes, L.M.P. Novos dados sobre a etiologia da casca preta do inhame no Nordeste do Brasil. **Nematologia Brasileira**. Brasília, v. 25, n.2, p.235-237, 2001.
4. Moura, R. M. Doenças do Inhame. In: Kimati, H. et al. (Ed). **Manual de fitopatologia**. 3. ed. São Paulo: Agronômica Ceres, 1997. v. 2, p.463-471.
5. Pedralli, G. Dioscoreaceae e Araceae: aspecto taxonômicos, etnobotânicos e espécies nativas com potencial para melhoramento genético. In: Santos, E. S. (Ed). **Simpósio Nacional sobre as Culturas do Inhame e do Taro**, 2002, João Pessoa. p.37-53.
6. Santos, E. S. dos. **Inhame (*Dioscorea* spp.) aspectos básicos da cultura**. João Pessoa: EMEPA-PB, Sebrae, 1ª ed., 1996. 158p.

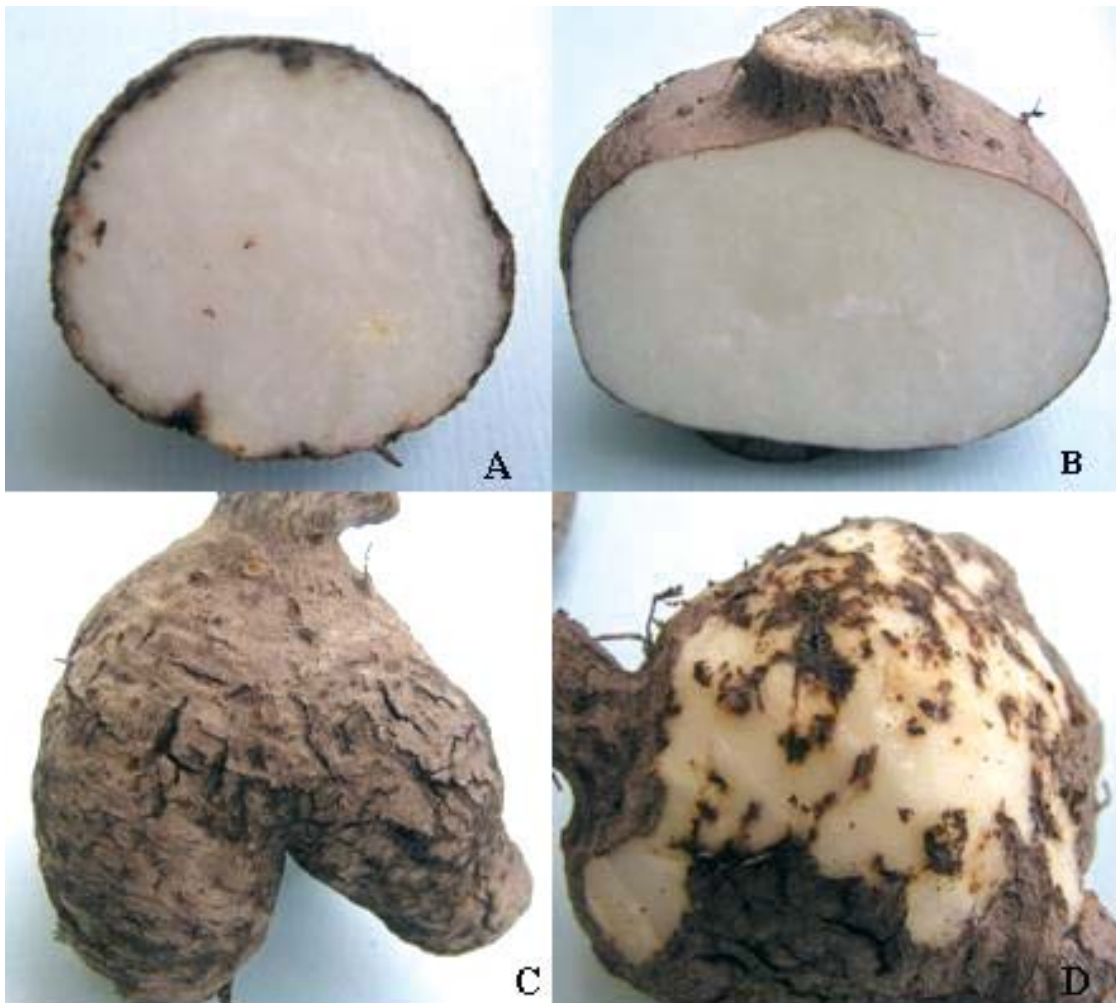


Figura 1. Cará-doce (*Dioscorea trifida* L.) com sintomas causados pelo fitonematóide *Scutellonema bradys*. Necrose na polpa (A e D), túbera sadia (B) e túbera com rachaduras (C).

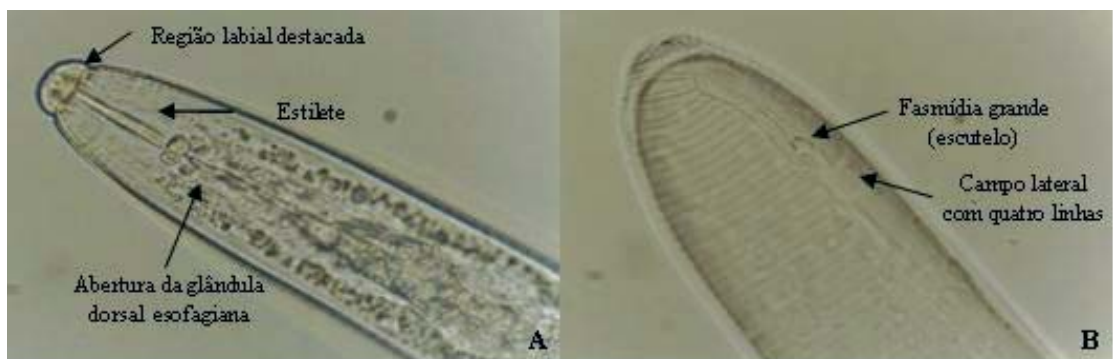


Figura 2. Fotomicrografia de *Scutellonema bradys*. Região anterior (A) e região posterior (B), mostrando estruturas de importância taxonômica.